



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

Instituto de Artes - Ida

Departamento de Artes Visuais

THAYANE DE CASTRO SANTOS

**CULTURA(S) EM PERSPECTIVA: REFLEXÕES SOBRE A
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS SUJEITOS PERIFÉRICOS**

BRASÍLIA

2018

THAYANE DE CASTRO SANTOS

**A CULTURA SOB A PERSPECTIVA DA PERIFERIA E A
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS SUJEITOS PERIFÉRICOS**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, habilitação em licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Rosana de Castro

BRASÍLIA

2018

"Quero pertencer para minha força, não ser inútil."

Clarisse Lispector

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que colaboram e me apoiaram direta e indiretamente ao longo deste percurso.

A minha família, pelo incentivo e por todas as orações diárias dedicadas a mim. Em especial ao meu pai, Tomaz, por sempre me incentivar, e acreditar em meu sucesso.

Ao meu noivo, melhor amigo e companheiro de todas as horas, Diego Lopes, pela compreensão, correções, puxões de orelha, dicas e, principalmente, pelo carinho.

À Profa. Dra. Rosana de Castro, por toda contribuição, paciência e atenção, que dedicou o seu valioso tempo para me orientar em cada passo deste trabalho.

Aos professores que têm me acompanhado durante minha vida acadêmica, que oportunizaram a janela, pela qual hoje vislumbro um horizonte superior.

A Universidade de Brasília pelo ambiente criativo e amigável que proporciona.

À professora Ana Alves, que me mostrou um novo mundo através das Artes.

A todos os colegas e companheiros do curso e da vida.

Agradeço também aos meus alunos, que me ensinaram muito mais que imaginam.

E ao RU por todas as refeições.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
INTRODUÇÃO	9
1. MEMORIAL.....	12
2. AS CULTURAS: DA PERIFERIA E DO CENTRO.....	14
3. O SUJEITO PERIFÉRICO.....	18
3.1. As culturas das periferias e as identidades dos sujeitos.....	21
3.2. Manifestações artísticas do Gama.....	23
3.3. Sujeito periférico no contexto das experiências na sala de aula.....	29
4. PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA AULA DE ARTES VISUAIS.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICE.....	38

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Sede Lábios da Lua.....	24
Figura 02: Fachada Espaço Cultural Bagagem.....	25
Figura 03: Fachada Semente Cia de Teatro.....	26
Figura 04: Fachada Espaço Cultural Galpãozinho.....	27
Figura 05: Divulgação Festival Rock Cerrado.....	28
Figura 06: Fachada Centro Cultural Itapuã.....	29

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso busca evidenciar a problemática sobre a influência das diferentes culturas na construção da identidade dos sujeitos. A discussão está situada no que se denomina de cultura no centro e cultura na periferia, ressaltando-se a perspectiva do sujeito periférico. Na relação entre essas culturas, reivindica-se a compreensão do sujeito sobre si, sem que ele sustente ou construa barreiras que o impeçam de conhecer e de se relacionar com a cultura do outro. A partir da análise dos contextos culturais do Plano Piloto e do Gama, este TCC propõe debater sobre o lugar periférico da cultura do Gama, quando comparado ao lugar central da cultura do Plano Piloto, ressaltando a discrepância entre o centro e a periferia, arguindo como a arte pode modificar a sensação de violência naturalizada junto ao termo periferia. Frente a isso, propõe-se uma sequência didática para aulas de artes visuais que fomentem o autoconhecimento para que o sujeito que se afirma como pertencente à determinada cultura tenha orgulho de si. As aulas de artes visuais devem, entre outros aspectos, ocuparem-se em explorar e realçar o valor cultural local, que ainda são excluídos dos circuitos artísticos centrais, cabendo ao professor manter-se atento à importância dessa valorização para a constituição das identidades dos estudantes que estão sob sua responsabilidade.

Palavras-chave: Artes Visuais; Sujeito Periférico; Culturas; Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

This Work of Conclusion of Course tries to highlight the problematic on the influence of the different cultures in the construction of the identity of the subjects. The discussion is situated in what is called culture in the center and culture in the periphery, emphasizing the perspective of the peripheral subject. In the relation between these cultures, the subject's understanding of himself is demanded, without his sustaining or constructing barriers that prevent him from knowing and relating to the culture of the other. Based on the analysis of the cultural contexts of the Pilot Plan and the Range, this CBT proposes to discuss the peripheral location of the Gama culture, when compared to the central place of the Pilot Plan culture, highlighting the discrepancy between the center and the periphery, the art can modify the sensation of naturalized violence next to the term periphery. Faced with this, a didactic sequence is proposed for visual arts classes that foster self-knowledge so that the subject who asserts himself as belonging to the given culture is proud of himself. Visual arts classes should, among other aspects, focus on exploring and enhancing the local cultural value, which are still excluded from the central artistic circuits, and the teacher must remain attentive to the importance of this valorization for the constitution of students' identities which they are responsible for.

Keywords: Visual Arts; Peripheral Subject; Cultures; Teaching and learning.

INTRODUÇÃO

Este TCC partiu da seguinte questão: as produções artístico-culturais nas periferias e a falta de visibilidade dada a elas pelos centros provocam a não compreensão do sujeito que mora na periferia sobre si mesmo, os outros e a própria cultura? Para tanto, fez-se necessário entender como a produção artístico-cultural periférica pode influenciar os sujeitos e se essa influência traz resquícios da relação possivelmente tensa entre a cultura do centro e a cultura da periferia.

A relevância dessa indagação sustenta-se sobre a atualidade do debate dirigido à construção social do Brasil frente às políticas socioculturais e educacionais implementadas nas últimas décadas, que provocaram, no âmbito dos estudos e pesquisas acadêmicos, questionamentos sobre o termo *periferia*. Na discussão, entre outros aspectos, realçam-se as denominadas cidades nos extremos, que surgem como cidades dormitórios, pois a busca dos habitantes dessas cidades por educação e trabalho, bem como por manifestações culturais, se volta para o centro.

Frente ao exposto, parte-se da compreensão do conceito de cultura, para, na sequência, localizá-lo no debate proposto entre o centro, Plano Piloto de Brasília; e a periferia, cidade satélite do Gama. Pelo breve histórico da construção territorial dessa cidade satélite elaborado para este TCC, observa-se uma espécie de barreira de isolamento entre o mencionado centro e aquela periferia. Tal barreira pode ser originada pela negação cultural emergida no centro e ressaltada, muitas vezes, apenas pelo que tem de ruim na periferia, relegando-a ao esquecimento das suas produções e dos seus potenciais artístico-culturais.

Em âmbito internacional, a manifestação cultural periférica teve seu início marcado por atitudes isoladas que, após os anos 60, ganharam maior reconhecimento dentro das periferias, contribuindo para gerar os movimentos sociais ocupados com a discussão sobre o que é viver na periferia, deslocando a exclusividade do foco na pobreza e na violência para o da cultura e o da potência artística. Esse deslocamento foi fruto, principalmente, das denúncias feitas pelos *rappers*. Em Brasília, não foi diferente. Os *rappers* brasilienses também denunciaram, pelas suas letras, o abandono cultural e educacional gerado por poucos investimentos nessas áreas, quando situadas nas cidades satélites menos favorecidas economicamente.

A diversidade cultural existente em cada localidade é complexa e singular, por isso a necessidade de um olhar especial para cada uma delas. Ao longo da pesquisa buscou-se evidenciar as manifestações culturais e artísticas da periferia, bem como a valorização dos espaços, para contribuição da formação dos sujeitos envolvidos, reivindicando-se, inclusive, o reconhecimento deste sujeito periférico constituído em sua singularidade e particularidade.

Ainda no que diz respeito ao desenvolvimento da pesquisa, constatou-se que a representatividade cultural e artística da periferia é restrita, tanto dentro das mídias televisivas, quanto em estudos mais específicos sobre a cultura local do Distrito Federal, incluindo-se os estudos nas escolas. Neste sentido, apresenta-se também breve panorama do movimento cultural e artístico do Gama, ressaltando-se a importância de conhecer o potencial cultural local. Deste modo, seria possível a busca por uma educação que contemple todas as formas de culturas, e não ressalte, apenas, uma cultura mais erudita e distante da realidade dos moradores, aspectos frequentes no ensino de arte nas salas de aula do Distrito Federal, essa questão foi observada durante os estágios da Universidade. Neste sentido, a concepção de escola disciplinadora não possibilita alertas, ao educando, sobre a realidade social, na qual ele está inserido e favorece conhecimento restrito apenas para atender às demandas profissionais para o mercado de trabalho. Tal concepção deve ser revista, portanto, faz-se necessário que os educadores potencializem a formação de cidadãos que se compreendam como agentes críticos e expressivos das suas realidades e experiências nessas realidades.

As discussões e proposições elencadas foram organizadas em quatro capítulos que compõem este TCC: iniciando-se pelo *Memorial*, que situa o leitor, de maneira mais detalhada, na relação do tema com o processo de formação como professora e como universitária da pesquisadora. O segundo capítulo, tratam-se dos conceitos de culturas (cultura, cultura da periferia e cultura do centro). O terceiro capítulo traz a discussão sobre o sujeito periférico no âmbito das suas culturas, identidades e experiências nos contextos escolares. No quarto capítulo, apresenta-se proposta de sequência didática para aula de artes visuais, construída, a partir das ideias defendidas neste TCC, sobre o sujeito, a cultura e a arte periférica como fontes importantes para estudos em contextos de sala de aula da educação básica.

Por fim, as considerações finais e as referências utilizadas na construção deste estudo.

1. MEMORIAL

A minha trajetória para este TCC, provavelmente, começou muito cedo e bem antes do meu ingresso na Universidade de Brasília (UnB). Posso apontar o período no qual eu estava cursando teatro na escola pública do Gama como o começo das indagações que deram origem ao problema escolhido para esta pesquisa. Por intermédio do coletivo *Tablado Especial*, pude participar de apresentações em várias cidades satélites e transitar por diferentes contextos socioculturais. Uma das apresentações finais do trabalho produzido pelo coletivo foi realizada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). As experiências daquele período me colocaram entre esse luxuoso teatro e as ruas que nos acolhiam durante as apresentações nas periferias de Brasília.

As questões que surgiram dessas primeiras experiências de contraste entre o central e o periférico foram ampliando-se, a cada vez mais, ao longo da minha vida acadêmica na UnB. A hierarquia entre as culturas, do centro e da periferia na qual cresci, ficaram evidentemente expostas. No percurso do ônibus, cerca de 42,5Km, que dura aproximadamente duas horas da minha casa à universidade, a transição da paisagem pode ser acompanhada pela janela. Tudo vai transformando-se, os pixos vão desaparecendo, as casas em construção vão sumindo e os prédios com as suas fachadas em branco vão aparecendo.

O cotidiano daquele trajeto trouxe-me a experiência de observar as paisagens e de refletir sobre as aproximações e as distâncias das culturas e sobre os porquês desses distanciamentos. Ao estudar as poéticas e as diversas linguagens das manifestações artísticas na Universidade de Brasília (UnB), pude entender que as formas "desordenadas" da periferia eram as mesmas que ocorriam na minha seleção do quê ver nas paisagens do percurso de casa para as aulas na UnB. Ali eu ia estabelecendo uma proximidade e intimidade com aquela nova paisagem que se abria, a mesma que eu também estabelecia em minhas visitas à galerias e aos museus de arte, tal como explica Dias (2015) em seus estudos.

Em um estágio de mediação na Caixa Cultural, foi que voltei meus estudos para a arte educação. Ao observar as crianças de diversas localidades e suas diferenças em entrar, olhar e sair da galeria, passei a refletir como deveria ser complexo para a Ana, a minha professora da educação básica, enfrentar as mais

diversas dificuldades para lecionar aulas de teatro às crianças do Gama, e nunca desistir de favorecê-las com o acesso às diferentes formas de cultura na periferia e, ainda, levá-las para o centro.

Hoje, quase licenciada como professora de artes visuais, reforço em mim a esperança de trabalhar com a expressão artística que a graduação me proporcionou pelas práticas de ateliê permeadas pelo pensamento crítico. Ainda que já me encontre imersa em sala de aula da rede privada de educação, o engessamento das atividades nas escolas dessa rede ainda não me permitiram ir muito além dos planejamentos fixos e conteudistas. Esse planejamento, em geral, está baseado nos estudos de obras famosas com suas características eurocêntricas sem pontuar a produção criativa de cada um ou a diversidade cultural existente no meio artístico.

Neste cenário do ensino das artes visuais, a escola funciona como uma influenciadora para a desigualdade cultural, pois valoriza os padrões de uma cultura geral sem enxergar uma cultura mais específica, para a qual não possibilita a percepção, e por consequência, a aproximação com a realidade social das diferentes paisagens existentes nas cidades. Essa perspectiva de formação, ao invés de ensinar, acaba por controlar o pensamento despindo-o do olhar crítico. E ainda, favorece as demandas mercadológicas da nossa sociedade e inibe a tomada de consciência e o reconhecimento da identidade cultural dos sujeitos emergentes dos processos de formação (MASSENA; RODRIGUES; NAVARRO, 2015).

Considero que o meu processo de construção identitária foi tardio. Precisei ir ao centro para entender minha condição periférica. E viajar pelo cotidiano através do olhar das paisagens me fez experimentar os pontos de encontro das culturas (centro e periferia) de forma singular (DIAS, 2011). A partir do meu ingresso na UnB, eu pude estar em contato com diversos conceitos importantes para essa construção de identidade e entender a importância da educação como potencializadora para a busca pela identidade cultural. Para isso, é necessário ter atenção sobre a cultura local em macro e micro processos, pois para entender o próximo é necessário conhecer a si localizando-se em seu próprio ambiente sem perder de vista os inúmeros outros ambientes que nos cercam.

2. AS CULTURAS: O CENTRO E A PERIFERIA

O conceito de cultura é muito amplo por possuir inúmeras definições. Neste TCC abordaremos cultura a partir de Laraia (2001). Sobre a perspectiva deste autor, cultura origina-se de duas palavras *Kultur*, em alemão, relacionado aos aspectos espirituais de uma comunidade e *Civilization*, em inglês, relacionado às realizações materiais de um povo. Considerando-se os desdobramentos dos significados das duas palavras, optou-se pela síntese de ambas que constituem a palavra *Culture*, idealizada pelo antropólogo britânico Edward Tylor, a qual aborda, em um único termo, tanto as realizações materiais e os hábitos adquiridos pelo homem, quanto as suas crenças, arte, costumes, leis e moral, etc. Esta síntese permite compreender-se que qualquer sujeito que conviva em sociedade apresenta aspectos culturais.

Em seus estudos, Laraia (2001), pela referência em John Locke, afirma que a mente humana é dotada da capacidade de conhecimento ilimitado. Também baseado em Locke, Tylor concebe a palavra *Culture* para abordar o aprendizado cultural, derivado da cultura e revelado no comportamento aprendido pelo sujeito que vive em sociedade. Neste sentido, não basta a genética da capacidade de desenvolver o cérebro, pois essa precisa ser vinculada aos materiais, os signos e os símbolos que permitem ao sujeito conhecer e desenvolver sua criatividade, que foi revolucionária em diferentes contextos históricos, responsável pela concretização das grandes invenções. Com base nisso, seria possível afirmar que a cultura está diretamente relacionada com os ambientes e as possibilidades criativas nos quais os indivíduos estão imersos.

No âmbito deste TCC, consideram-se o centro de Brasília, Plano Piloto, e as periferias do Distrito Federal como tais ambientes, nos quais se evidenciam as diferentes culturas, cujas análises e discussões serão apresentadas ao longo do texto. A experiência visual particular relatada no memorial que inaugura as discussões deste TCC pode servir para reflexões de como a ocupação territorial e a construção das cidades se dá do centro para as bordas, ressaltando-se o maior investimento financeiro e as maiores iniciativas de incentivo artístico-cultural nas cidades do centro idealizadas e habitadas pela burguesia (DURHAM, 1986). Enquanto os desfavorecidos social e economicamente vão sendo empurrados para as bordas, vão sendo escondidos nos fundos do cenário urbano central.

Contudo, o indivíduo que transita entre os dois ambientes circula carregado de heranças culturais, construídas por várias gerações, as quais, sob a perspectiva de Laraia (2001), também contribuem, por vezes, para que os sujeitos reajam pejorativamente diante daqueles que agem fora dos padrões estabelecidos pelas heranças culturais que eles carregam. É possível que essa tensão entre padrões tenha contribuído como motivação para as reflexões originadas das paisagens do percurso da periferia até o centro relatadas anteriormente, e também que esses padrões estabelecidos pelas heranças culturais do centro tenham causado a sensação de estranheza ao longo das experiências cotidianas ocorridas na UnB.

Essa sensação de distanciamento da realidade estabelecida sobre uma cultura diversa pode ser compreendida como a negação cultural do outro, ao mesmo tempo, como o realce das diferenças entre sujeitos pelos modos de agir, vestir, falar, entre outros aspectos. O estranho, segundo Laraia (2001), é aquele que não se sente encaixado na categoria dos que compartilham do mesmo comportamento cultural. Por outro lado, os iguais ignoram que possam existir outras possibilidades de comportamentos culturais essa seria uma relação normal para quem considera o seu grupo étnico como o central ou a única forma de comportamento e expressão cultural. Porém, essa relação, por vezes naturalizada entre nós e o outro, gera dicotomia em um mesmo grupo social localizado geograficamente em um mesmo espaço territorial, demarcado por bairros dentro da cidade, causando por exemplo, agressões a determinados bairros periféricos das grandes cidades, geradas por ideias que relacionam as práticas de interlocuções entre o centro e a periferia como absurdas e imorais (LARAIA, 2001).

Tal dicotomia entre o centro e a periferia também pode ser ressaltada pela atuação do Estado, o qual, como já mencionado, por vezes, oferece maior investimento no centro, favorecendo a cultura mais erudita baseada na hierarquia construída pela burguesia (FERRETTI, 2017). E dedica à periferia poucos recursos e investimentos, até mesmo podendo evidenciar a sua degradação sociocultural e econômica em detrimento do seu potencial artístico-cultural. A barreira de isolamento, entre centro e periferia, possivelmente causada pela intolerância cultural e pelas diferenças econômicas e sociais, acaba contribuindo para que a periferia sempre seja reconhecida apenas pela violência e pobreza, que são potencializadas pelos jornais sensacionalistas que podem ser mencionados como apontamento.

Para reverter esse cenário, reivindica-se que é necessário incentivar a compreensão da diversidade cultural, de modo que os sujeitos compreendam tanto as dinâmicas internas das suas próprias culturas, como as das culturas do outros. E, o mais importante, que todos compreendam as intersecções entre ambas as dinâmicas das culturas, das suas e das dos outros, dos centros e das periferias. Laraia (2001) afirma que as mudanças culturais tanto podem ser internas, dentro das dinâmicas do próprio repertório cultural; como podem ser externas por intermédio do contato com o sistema cultural do outro. Por esse entendimento, é possível que o estranho não se convertesse em algo a ser combatido, e, sim, em algo a ser compreendido e acolhido.

No que diz respeito à cultura na periferia, as sensações de violência e as evidências do desfavorecimento social e econômico passaram a ser questionadas pelas denúncias feitas pelos *rappers*. Essa manifestação artístico-cultural, de certa maneira, apaziguou a ideia da periferia como lugar que produz apenas a violência que ameaça os grandes centros (ALMEIDA, 2011). Nesse âmbito, realça-se a arte como expressão fundamental para denunciar, pela ótica do sujeito periférico, aquilo que realmente acontecia em sua localidade, deslocando as informações que eram divulgadas apenas por intermédio das notícias trágicas.

No âmbito do Distrito Federal, citam-se os DJs Jamaica, Japão, entre outros, optando-se por evidenciar-se aqui o rapper GOG, que utiliza o pseudônimo de seu nome completo Genivaldo Oliveira Gonçalves. Na música *Brasília Periferia*, GOG revela a realidade de cada periferia do DF e do entorno, abordando as características de cada uma,

[...]no gama a fama é o gama sensacionalista / Jornais revistas segunda sai a próxima lista / Pânico na população / Mas esqueceram a escolinha de futebol do bezerrão / Do samba no salão que já é tradição / E de repente nem tudo anda mal / Cursos de alfabetização no lixão da estrutural
Iniciativa não governamental[...]

O trecho retirado da música lançada em 1994, pode exemplificar a denúncia feita pelo *rapper* sobre os fatos passados pelas mídias que agem para chocar a sociedade com notícias escandalosas, porém, essa mesma mídia exime-se de denunciar o abandono de investimento cultural e educacional. Nesse trecho da música, ressalta-se a importância de se entender a cultura do outro e não apenas negá-la. Nenhum grupo social é perfeito e a participação integral de um indivíduo tanto na sua própria cultura, quanto na cultura do outro não é possível. Neste

sentido, o mais importante é existir disponibilidade entre os sujeitos para conhecimento e participação, ainda que mínimos, promovendo e incentivando trocas de conhecimentos e experiências com os demais membros da sociedade, tanto do centro como da periferia (LARAIA, 2001).

Entender as mudanças culturais em cada grupo é importante principalmente, para diminuir as ações preconceituosas de gerações futuras, para incentivar que busquem diferentes versões sobre a mesma história, assim como para entender as diferentes formas de culturas, sendo este o procedimento de aceitar as continuas mudanças culturais, preparando o ser humano para enfrentar o novo mundo, que sempre está por vir. Encerro essa seção através da afirmação de Barbosa (1995, p.10) "a educação poderia ser o caminho para estimular a consciência do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local". Os ensinamentos em arte então, estão totalmente envolvidos nessa construção de consciência, e a partir do seu desenvolvimento cultural, potencializam o orgulho de se viver na periferia, onde os sujeitos geram um pertencimento à própria cultura.

3. O SUJEITO PERIFÉRICO

Para localizar o conceito de sujeito periférico neste capítulo, é necessário realçar o termo periferia pela ideia de que há construção de cidades nas bordas do centro, que, por muito, ganharam fama apenas pela violência e pela pobreza nelas evidenciadas. Com o movimento do *Rap* e *Hip Hop* firmados, na década de 90 no Brasil, ocorreu o alargamento da noção da relação entre a periferia e a violência, pobreza e cultura, que passaram a fazer-se presente, a cada vez mais, nos temas abordados pelas letras dos jovens *rappers*. De certa maneira, pode-se dizer que esses foram os agentes da cultura na periferia que se propuseram a dar significado para o termo *periferia*, denunciando o que realmente acontecia em suas localidades, utilizando a manifestação artística-cultural também como manifestação política. Frente a isso, pode-se dizer que essa tomada de consciência dos sujeitos diretamente envolvidos com a periferia seria um dos principais fatores para a construção de identidade dos sujeitos que ali residem, pois ao reconhecerem-se como pertencente a um ambiente cultural com potencial, e não a um ambiente à margem ou à borda do centro, passaram a valorizar-se enquanto cidadãos (D'ANDREA, 2013).

Neste sentido, verifica-se, nos movimentos sociais, potencial para promoverem a libertação do ser para que busque a si, a partir das características que esses movimentos evidenciam, incentivando o reconhecimento identitário pela coletividade e buscando a emancipação ou transformação das estruturas sociais naturalizadas e vigentes. As ações coletivas dos movimentos podem contribuir para que o sujeito compreenda que tem potencial para alcançar condições melhores de ser e estar no mundo, se construindo a partir da sua cultura. Neste âmbito, ressalta-se que, neste TCC, compreende-se sujeito como distinto de indivíduo, com base no que explicam Veronese e Lacerda (2011, p. 421), “o indivíduo, de maneira geral, é aquele moldado pelos padrões sociais, uma figura que não passa de uma tela em branco onde são depositados desejos, necessidades, mundos imaginários a serem consumidos”.

Aqui nesta discussão, o sujeito ao que se refere é questionador de sua realidade, se constitui pela crítica consciente ao seu modo de ser e estar nessa realidade, é um agente e não um paciente. Aquela realidade pode apresentar-se por

diferentes facetas, se consideradas as diferentes culturas, a complexidade e singularidade dos lugares, que apresentam distintas formas de habitar que, por sua vez, depende da posição socioeconômica do sujeito, da sua trajetória particular e do meio pelo qual circula.

Neste sentido, morar na periferia possui diversas facetas, que são reforçadas, ou não, pela autoatribuição do sentir-se periférico e, ao mesmo tempo, desafiam a romper com as dificuldades sócio-espaciais exigidas para lidar como o trânsito entre a borda e o centro. Apenas sentir-se periférico não atende a todas as experiências particulares dos sujeitos que vivem em periferias, ainda que contribua para dar sentido de pertencimento à sua situação social. Não há como negar que morar em bairros menos favorecidos de infraestrutura força a ida ao centro em busca por trabalho, escola, opções de arte e lazer.

D'Andrea (2013) explica que o termo sujeito periférico sustenta essa questão de identidade e trânsito, no geral, porque rejeita os rótulos de pobre e negro naturalmente atribuído aos que vivem nas cidades das bordas dos centros. O autor explica que se afirmar pobre não é o suficiente para identificar-se como ser periférico, "o termo pobre se contrapõe ao rico, definindo uma posição em relação à posse de renda e de bens" (D'ANDREA, 2013, p.148), sendo necessário compreender, e reconhecer, que na periferia também existem diferenças econômicas, ali existem sujeitos com rendas diferenciadas, inclusive pobres.

Outro ponto destacado por D'Andrea (2013), diz respeito à identificação do sujeito que mora na periferia pela raça. Ser negro não define o sujeito periférico. Por outro lado, o autor evidencia que entrecruzamento entre a raça e a questão urbana coloca em evidência que a população que habita os espaços segregados da cidade é fundamentalmente negra (D'Andrea, p. 149). Frente a essa constatação, pode-se dizer que a luta pelo orgulho de ser negro tem total importância principalmente para o sujeito periférico que ocupa essa condição racial, geradora de luta por espaço social que já conta uma longa história de reivindicações, e que tem suas peculiaridades dentro da periferia. Porém, esses serão aspectos os quais não serão abordados neste TCC, mas que servem para evidenciar aqui, que ser negro não implica necessariamente ser sujeito periférico, ainda que evidenciem a problemática da segregação.

Sob a perspectiva de D'Andrea (2013), é possível compreender que o conceito de sujeito periférico seria o mais adequado para fazer referência ao sujeito que habita dentro das limitações geográficas segregadas, independente das suas particularidades sociais, econômicas e raciais. E, ainda, que é um sujeito que assume com orgulho a sua condição periférica, desde a qual reivindica como agente político, pelas manifestações artístico-culturais, o respeito dos outros em relação ao seu espaço construído nas bordas do centro.

Para a construção do conceito um sujeito periférico, D'Andrea (2013) analisou a música *Sujeito Periférico*, de Tita Reis (2012). "[...] De manhã acorda cedo, é real/ Trem lotado passageiros sonolentos/ Compartilham o mesmo sentimento [...]." A música que não é um rap, trata-se da autobiografia de Tita, e o seu dia-a-dia como um sujeito periférico, que compreende sua condição periférica, sentimento este citado na música do qual compartilhei no memorial deste trabalho.

Na música o artista, utilizou periférico como um adjetivo, qualificando os atributos do sujeito e a subjetividade como um complemento para o adjetivo periférico.¹ Portanto o adjetivo periférico é dado à esse sujeito que age com subjetividade e politicamente dentro de sua trajetória. Ressalta-se que essa afirmação de ser periférico, não seria possível se não houvesse todo um movimento de afirmação do orgulho periférico feito pelos movimentos artístico-políticos entre a década de 60 e 90 do século XX.

Porém nem todo sujeito é periférico, pois assumir a sua condição de periférico, ter orgulho dela e agir politicamente, são os três tópicos para que essa condição aconteça, segundo D'Andrea (2013). Esse sujeito que se assume interessado em conhecer e defender a sua condição periférica, precisa transmutar-se de ser passivo para ser ativo, de periférico em si para periférico para si.

O periférico em si é um sujeito passivo, que tem sua posição definida nas limitações geográfica/sociais da cidade sem a percepção vivida de ser morador da periferia. A transmutação de periférico para si é o orgulho de pertencer e compreender sua condição periférica, sendo agente de sua própria história.

¹ Uma discussão maior sobre o tema se encontra em: D'ANDREA, Pablo, **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013, p.171.

3.1. As culturas das periferias e as identidades dos sujeitos

Nesta subseção, apresenta-se breve contexto artístico-cultural da periferia do Gama-DF. Antes de seguir-se, ressalta-se a contradição entre Estado e Cultura, "Estado relaciona-se com poder, força, ordem, legislação, coerção, controle de recursos financeiros, enquanto Cultura relaciona-se com o imaterial, o espiritual, a liberdade de expressão, criatividade e mudança" (FERRETTI, 2017 p.1). Estas relações de conflito são mais evidentes ainda quando se trata das distinções entre cultura de massa, erudita e popular. Apesar dessas três culturas citadas estarem presentes na realidade do Gama, ainda não há visibilidade dos coletivos artísticos do Gama, pois não são valorizados tanto pelo centro quanto pela própria periferia. Não serão abordadas as historiografias das manifestações artísticas que seguem, mas alguns pontos de relevância para compreender a formação de identidade do sujeito periférico nesse processo cultural serão apontados.

A reação da marcha para o oeste criou as cidades nas bordas do Plano Piloto e a construção das regiões administrativas do Distrito Federal serviu para alojar as pessoas vindas de várias regiões do Brasil, provocando a junção cultural. Os frutos desta junção são manifestados, muitas vezes, entre os moradores das periferias pela frequente ocupação das ruas pelos mesmos. Observa-se, pela estranheza de perceber a discrepância dessas culturas, que esse movimento de ocupação quase não ocorre no centro, o Plano Piloto de Brasília. Nesse espaço, as ruas, as casas e os prédios de apartamentos, em geral, são silenciosos.

A distância geográfica e a diferença cultural entre o centro, Plano Piloto e a periferia, Gama, acaba por criar barreira de isolamento, muitas vezes pela sensação de violência dentro das periferias, que vai avançando pelo controle territorial imposto por agentes à margem do Estado. Tal controle influencia a cultura e postura dos moradores. Junto com essa influência, ocorre o medo de frequentar os bailes e shows promovidos nas periferias. Este cenário, pode acabar favorecendo a televisão e o rádio como influenciadores culturais, que ampliam os espaços da cultura de massa construída pelos centros, que não tem por prerrogativa formar agentes culturais pela perspectiva crítica e política observada anteriormente nos *rappers*.

Brasília, por exemplo, é a reconhecida nacionalmente pela sua cena cultural do *Rock*, sendo denominada como a capital do *rock*. Essa capital revelou vários

grupos musicais: Raimundos, Legião Urbana, Capital Inicial, dentre outros, que em suas canções² mencionavam apenas as asas dos eixos (LEAL, 2016).

Quando se pensa na representatividade das periferias nas canções desses grupos de *rock*, observa-se letras tal como a de *Que país é Esse*, na qual o grupo Legião Urbana (1988) canta: "nas favelas, no Senado/ Sujeira pra todo lado/ Ninguém respeita a Constituição/ Mas todos acreditam no futuro da nação". Essa acaba por reforçar estereótipos, não mostram a realidade do DF, apenas exalta o lado ruim das favelas. Como já mencionado nesta pesquisa o papel do *rap* foi fundamental para dar visibilidade às periferias do Plano Piloto. As letras desses artistas, com já citado, por exemplo, na música "Brasília Periferia", mostram uma capital real, "onde moram os 80% dos brasilienses, que movimentam a máquina da Capital" (LEAL, 2016) são os *rappers* que denunciam as verdades da cidade dos sonhos.

Além da cena do *rap* e *hip hop*, outras manifestações artísticas estão presentes nas periferias, protagonizadas pelos coletivos artísticos de teatro, música, dança e produção visual. Essa última, envolvendo desenhos, colagens, xilogravuras dentre outras, além da presença dos grafites e pixos que ornamentam cada espaço das cidades da borda.

O surgimento de espaços culturais e artísticos na periferia são mais que espaços de exibição da produção, a cultura da periferia "[...] [é] nomeada e percebida como campo que se coloca na disputa por ações que visam o reconhecimento de singularidade e, principalmente, uma intervenção na realidade." (TAVARES, 2012). Para a busca de tal singularidade, é útil que se entenda como se forma a identidade cultural do sujeito periférico.

Sob a perspectiva de Hall (2005, p.13), "as mudanças estruturais do ser moderno do final do século XX promoveram as transformações nas identidades culturais, principalmente pelos movimentos sociais como, a classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade". Com o declínio das velhas identidades, na qual as certezas de si deixaram de ser as bases sólidas para a localização social dos sujeitos, na modernidade estas identidades aparecem com um duplo deslocamento, cultural e social, em que causam uma perda do "sentido de si" fragmentando o sujeito moderno, que acaba por perder sua solidez.

² "Eduardo e Mônica", criada por Renato Russo e gravada no disco "Dois", da Legião Urbana; "Anúncio de refrigerante" do Capital Inicial. São algumas das músicas que abordam o tema.

Este deslocamento de perda de sentido em si, por muito foi entendido como uma "crise de identidade" onde os quadros de referências dos sujeitos ficam abalados e durante a crise individual, a situação problema pode ser ampliada por novas ideias e formas, principalmente, por não ter uma base sólida. A partir do sujeito sociológico (HALL, 2005), a complexidade do mundo moderno faz com que a identidade se forme na "interação" do eu com a sociedade, preenchendo o espaço entre o "interior" do "eu" e o "exterior" vindo da sociedade.

O movimento do "eu" no olhar do outro produz várias formas de representação simbólica, que levam o sujeito a se sentir dividido em suas opiniões sobre si mesmo. Essa forma de se sentir dividido está associada a partir do que ele é, e do que o outro diz que ele é, "embora o sujeito esteja partido, vive com sua identidade "resolvida", resultando da fantasia de si mesmo" (HALL, 2005, p.38). Ainda sob a perspectiva de Hall (2005) esta fantasia de si, já contempla um sujeito pós-moderno, onde as identidades aparecem unificadas, através da fantasia do "resolvimento" de si, porém a "identidade já está dentro de nós como indivíduos, mas uma falta de inteireza é preenchida a partir de nosso exterior" (HALL, 2005, p. 38). O cuidado para este preenchimento externo é necessário para que contemple a representação e identificação da realidade deste indivíduo, tendo ela como um processo de identificação durante toda a vida.

Como já mencionado nesta pesquisa, para que o sujeito se reconheça como periférico é necessário uma imersão em sua própria cultura local, onde ocorra um entendimento e identificação com seu ambiente cultural. Os movimentos de descolonização e a liberação do século XX também buscam um reconhecimento local para a construção de identidade no qual os sujeitos sejam capazes de reconhecer a si próprio e construir a sua própria realidade (HALL, 2005). Tendo em vista a necessidade de conhecer as manifestações culturais da periferia, faço um pequeno recorte sobre algumas manifestações artísticas do Gama.

3.2. Manifestações artísticas do Gama.

O local de formação dos indivíduos se dá muitas vezes na escola e para isso Barbosa (1995) menciona que a educação formal foi dominada pelos códigos europeus e norte-americanos. Em contraposição a esses códigos, aqui buscou-se

apresentar as manifestações locais do Gama para aproximar o leitor das possibilidades de inserir nas salas de aula das artes visuais, ações da periferia:

- **Companhia Lábios da Lua:** A Cia Lábios da Lua foi muito importante para o desenvolvimento da identidade cultural da pesquisadora. As participações como atriz e integrante da equipe de cenário e figurino possibilitaram o trânsito para o centro, quando, conforme narrado no *Memorial*, foi possível conhecer o CCBB. Essa companhia atua no Gama há mais de 20 anos, com diversas atividades, tais como: teatro, capoeira, aulas de violão, e ainda com a produção e realização de espetáculos, tanto dos alunos da instituição como de artistas vindos de outras localidades. Para isso a Associação Cultural conta com artistas, produtores e educadores e na página desse coletivo publicada em redes sociais³, é revelado que "a arte é nossa paixão! Nosso objetivo é oferecer à comunidade gamense uma alternativa de cultura e cidadania perto de casa!", com preços acessíveis à população local.



Figura 01. Sede Lábios da Lua. Fonte: Google Maps

- **Espaço Cultural Bagagem:** A companhia foi criada, há pouco mais de 30 anos com a proposta de pesquisa de teatro, tendo como máxima a difusão da

³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/LabiosDaLua/>>

cultura popular e inserção cultural da comunidade que pertence. Para isso montou o Espaço Cultural Bagagem, sede do grupo, oferecendo espetáculos gratuitos e reforçando a ideia de que a cultura é para todos. Além de produzir espetáculos muitos voltados para o público infantil, é interessante ressaltar que a própria companhia fabrica seus bonecos, sendo umas das primeiras em Brasília.



Figura 02. Fachada Espaço Cultural Bagagem. Fonte: página Facebook: Negodai

- **Espaço Semente:** Há oito anos, a Cia vem desenvolvendo oficinas e cursos oferecidos de graça para jovens da cidade. O trabalho nasceu com Valdeci Moreira, diretor, ator e arte-educador. Em reconhecimento à importância desse trabalho, a Administração do Gama ofereceu a antiga Casa do Artesão, que ficou abandonada por mais de 10 anos, onde o próprio grupo revitalizou o espaço e a transformou em sede, sendo inaugurado em 2015. O grupo conta com diretores, atores, estudantes e trabalhadores, com conhecimento técnicos na área. Além de promover a cultura, através da contribuição para o desenvolvimento dos artistas locais, tanto de música, teatro, poesia, dança

entre outros. Os espetáculos são apresentados em teatros, escolas, instituições, shoppings e eventos em geral.



Figura 03. Fachada Semente Cia de Teatro. Fonte: Google Maps.

- **Espaço Cultural Galpãozinho:** O espaço foi planejado por volta de 1980, tendo como arquiteto Ariomar da Luz Nascimento, muito conhecido no DF, principalmente pela sua obra do periquito na entrada do Gama. Através do espaço, a cidade já recebeu incontáveis shows de bandas da cidade e estrangeiras, festivais e mostras de teatro e já sediou os Festivais de música Popular do Gama na década de 80.



Figura 04. Fachada Espaço Cultural Galpãozinho. Fonte: Página da internet: CAS/DF

- **Festival Rock Cerrado:** O festival teve seu início em 1986, em um terreno baldio no setor Sul do Gama, onde jovens roqueiros da cidade implementavam a cena cultural do *rock* aos poucos, com o grupo. Os Parasitas, grupo de motoqueiros, se tornou pessoa jurídica e através disso obteve apoio da Segurança Pública e da Companhia de Eletricidade de Brasília para realizar os shows. Pouco tempo depois, o terreno foi ocupado por uma igreja e o festival acabou se mudando para o ginásio de esportes do Colégio CG. Com o aumento de público, o evento começou a ser realizado na praça do Cine Itapuã por comportar mais pessoas. O festival era totalmente gratuito e recebia muitas inscrições de bandas de todo o país, infelizmente, o último festival aconteceu em 2015. Apesar do fim do evento, o Gama continua com shows realizados em eventos menores.

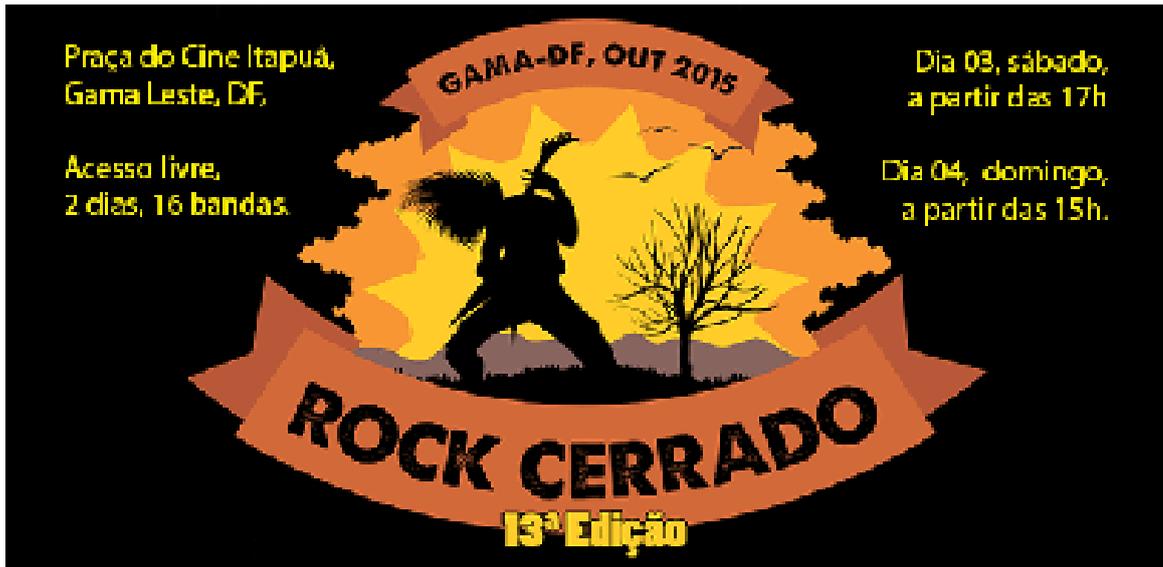


Figura 05. Divulgação Festival Rock Cerrado. Fonte: Página da internet: Zine Oficial

- **Centro Cultural Itapuã:** Esse espaço cultural permanece fechado desde 2005, por falta de reforma. O Cine foi o segundo cinema do DF na década de 80, com capacidade para 500 pessoas. Até hoje o Gama não dispõe de salas de cinema e os moradores precisam deslocar-se para outras cidades. O fechamento do Centro Cultural Itapuã também deixou sem espaço os artistas produtores de audiovisuais, que não tem mais onde exibirem as suas obras. As tentativas de revitalização do local são feitas pelos moradores. A promessa para a reforma é para este ano e a proposta é contemplar não só o audiovisual, mas também outras formas de arte. Após o abandono do espaço muitos grafites e pixos foram fixados em suas paredes, como uma forma de manifestação por sua situação e de reivindicação de providências para a sua reabertura.



Figura 06. Fachada Centro Cultural Itapuá. Fonte Google Maps

Esses são apenas alguns exemplos do potencial artístico-cultural do Gama. Certamente, manifestações semelhantes podem ser identificadas em outras periferias, que muitas vezes estão invisibilizadas pelas mídias da cultura de massa.

3.3 Sujeito periférico no contexto das experiências na sala de aula

A escola adquire uma posição importante na formação de consciência crítica dos estudantes, já que a mesma age com a separação parcial da criança da sociedade adulta e acaba tendo uma formação central nos processos de aprendizados, tanto moral como cognitivos. Porém, quando tal procedimento não ocorre, a escola se torna uma disciplinadora, impondo regras e padrões a serem seguidos na sociedade, produzindo apenas indivíduos para a mão de obra barata do mercado de trabalho. Assim a escola se transforma em um elemento essencial para uma sociedade capitalista (MASSENA;RODRIGUES;NAVARRO, 2015).

A problemática suscitada nesta subseção busca focar na ação das artes visuais como ações com potencial transformador, visando o pensamento crítico, formando agentes para intervir na sua própria história, preparados para uma vida

social democrática, justa e igualitária. Para tanto, todo o corpo docente da instituição escolar, deve estar ciente das necessidades e particularidades da realidade social atua (LIBANEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2012).

Afirmar igualdade a todos perante a lei não faz com que a educação seja mesmo igual. Apesar da oferta de ensino nas escolas públicas, não se pode desconsiderar as diferenças socioeconômicas, o comportamento e valorização de uma cultura determinada, em geral a erudita, que influencia no alargamento da desigualdade para além das questões econômicas, principalmente na formação de identidade. Ao afirmar uma cultura, geralmente, das classes mais favorecidas, a escola age de forma tendenciosa, pois privilegia o ambiente que não é acolhedor à criança que vive em um lugar menos favorecido de infraestrutura básica, que vive em uma cultura distinta da do centro e que terá que aceitar apenas uma forma de cultura, a imposta pelo centro (MASSENA; RODRIGUES; NAVARRO, 2015).

A experiência na condição de professora de uma rede privada de ensino constituída por várias unidades localizadas em diferentes cidades do Distrito Federal possibilitou que se atuasse em salas de aula, principalmente, nas escolas do Gama e da Asa Norte do Plano Piloto. Por ser uma rede de ensino particular, a escola organiza o currículo pela perspectiva conteudista, como uma forma de garantir que todas as unidades da rede estejam com acesso ao mesmo conteúdo.

Nas aulas de artes visuais no ensino médio, nas quais se atuava, o livro didático contemplava apenas a história da arte com uma visão eurocêntrica, em que cada aula deve-se explicar como ocorreu o movimento artístico de determinada época, com pouca possibilidade de abordar outros temas fora daquele livro didático.

A discrepância entre os públicos do Gama e Plano Piloto é evidente. Na Asa Norte, por exemplo, os estudantes possuem mais acesso aos centros culturais, tais como Centro Cultural Banco do Brasil, Caixa Cultural, Museu dos Correios, dentre outros. E, ainda, podem frequentar aulas particulares de música, teatro e desenho. A relação com os alunos do Plano Piloto com os temas abordados pelo livro didático é de interesse e suscita participação positiva. Principalmente porque grande parte do alunato já possui algum conhecimento prévio sobre os assuntos tratados na história da arte, podendo até ter pais artistas ou réplicas de obras famosas nas paredes das suas casas. Por outro lado, há desvalorização do curso e da profissão em artes, pois os alunos encaram a área como fútil.

Na realidade do Gama, o mesmo conteúdo, o mesmo plano de ensino e as mesmas estratégias das aulas ministradas no Plano Piloto precisam ser replicadas. Porém, ressaltam-se as barreiras de acesso aos centros culturais, cujo o acesso é praticamente nulo. As aulas particulares de arte na cidade também não existem. E o desinteresse pela disciplina artes visuais acaba se evidenciando maior do que no Plano Piloto.

A escola não pode, por si só, ser responsável pelas desigualdades apontadas, porém possui os meios para amenizar e, possivelmente, superar tais desigualdades, "ao valorizar padrões culturais, artísticos e até mesmo estéticos de uma determinada classe, a escola privilegia os privilegiados, que nasceram e cresceram dentro desses padrões" (MASSENA; RODRIGUES; NAVARRO, 2015). Vale ressaltar que para diminuir a desigualdade, não é necessário parar de se ensinar a história da arte europeia, mas é importante garantirem-se espaços de aprendizagem para o conhecimento e a promoção de outras formas de cultura, potencializando outros tipos de arte, tais como africana, indígena, indiana e a periférica.

5. PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA AULA DE ARTES VISUAIS

As discussões realizadas anteriormente possibilitam evidenciar como a cultura é influenciadora dos sujeitos. A cultura da periferia tem potencial transformador junto ao indivíduo, que é passivamente moldado pelos padrões sociais. Por essa cultura, é possível conceber o sujeito periférico, que é agente crítico a partir da consciência que tem do seu meio, que o torna reivindicador de melhoria de condições de vida e protagonista da quebra de barreiras da pobreza e violência.

O cenário regional das culturas, em especial da cultura periférica, ainda é pouco debatido dentro da instituição escolar e pensando nessa cultura como influenciadora de identidade, ressalta-se que ela contribui para o desenvolvimento da sociedade que está na borda do centro. Para tanto, acredita-se no potencial do ensino para a formação sensível, criativa e crítica, conforme indicado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da Arte (1997):

“A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação.” (p. 15).

Neste sentido, construiu-se uma proposta inicial para uma sequência didática, planejada para turmas do Ensino Médio, público ou privado, com o intuito de, por intermédio das manifestações artísticas presentes no cotidiano dos estudantes, desenvolver trabalhos práticos, pelos quais sejam exploradas as possibilidades de construção de identidade. A fantasia do resolvimento de identidade (Hall, 2005) é deslocada, na aula, para a construção de identidade, feita a partir das interações individuais dos estudantes com os ambientes das cidades pela identificação simbólica deles com os contextos culturais nos quais estão imersos.

Sob esse ponto de vista, reivindica-se que o ensinamento em artes visuais pode estar envolvido na construção identitária, assim como no fomento às relações entre as diversas culturas, quer sejam originadas no centro ou na periferia. Por intermédio da proposta que segue, espera-se contribuir com a potencialização do orgulho de se viver na própria cidade. No caso deste estudo, evidencia-se o orgulho de pertencer à periferia, onde os sujeitos, e não os indivíduos, gerem um pertencimento ao seu meio, tornando-se sujeito periférico.

No que diz respeito aos objetivos da sequência didática, estabeleceram-se como metas para as aulas:

- Analisar as diferentes formas de culturas e como se manifestam em diferentes espaços da cidade, através das problematizações apresentadas pelo professor.
- Identificar as relações de pertencimento à cultura do local onde vive e mora, considerando as noções de culturas: erudita, popular e de massa.

Como estratégia de ensino, o professor deverá começar a problematização dos espaços da cidade utilizando o recurso do projetor e computador com internet. Outro recurso necessário é o Google Maps que pode ser baixado *off-line*, caso o computador não tenha acesso à internet. Esta ferramenta tornará possível analisar a localização da cidade geograficamente e compreender as distâncias e barreiras construídas por essa delimitação geográfica.

O desenvolvimento desta primeira aula pode ser comprovado a partir do Projeto Arte/Fatos⁴, onde nos mostra características de como o Distrito Federal é marcado por arquiteturas diversas. A comprovação de tal projeto foi realizada pela pesquisadora dentro de escola da rede privada do Gama, onde atua. Através dos objetivos da "oficina dos percursos: A escola é no Plano Piloto, mas eu moro na cidade satélite"⁵ foi comprovado que dentro da realidade do Gama, as diferenças das paisagens também são visíveis.

Utilizando deste projeto como referência para o desdobramento da sequência didática do TCC, o professor após abrir o *Maps*, poderá indagar aos alunos sobre histórias e vivências dos mesmos, sobre os trajetos apresentados através do recurso didático, que possibilitam formar rotas de um local a outro, como até uma visão macro das ruas, através do *street view*. O debate e as discussões devem ser ouvidas por todos para que, juntos, se construa uma experiência coletiva do espaço que compartilham. Abordar com os participantes os pontos positivos e negativos na

⁴ Projeto desenvolvido no âmbito da Universidade de Brasília vinculada ao Laboratório de Educação em Visualidades - LIGO

⁵ A oficina desenvolvida pelo projeto foi realizada no centro do Distrito Federal na qual os estudantes foram questionados sobre as paisagens observadas no percurso de casa até a escola, como processo avaliativo, mapas foram construídos perfazendo o caminho.

perspectiva de cada um ajudará na reflexão para a diminuição de qualquer barreira de estranhamento cultural e socioeconômico do outro que possa ter ficado.

Após o levantamento de informações sobre tal realidade do local onde seja aplicada a sequência, o professor poderá discutir sobre o conceito de periferia, nas próximas aulas, a partir de algumas perguntas:

- Como é essa comunidade?

É grande, é pequena, próxima do centro da cidade, periferia, indústrias, comércios, residencial, etc.

- Quais as 'tribos' que compõem essa comunidade?

Hip Hop, Samba e pagode, Funk, pop rock, metal, gospel, patricinhas e playboys, manos e minas, emos, punks, etc.

- Qual a classe social predominante na comunidade?

Classe alta, classe média, zona de risco, etc.

- Quais manifestações artísticas fazem parte dessa comunidade?

As respostas deverão ser pautadas nas experiências pessoais dos alunos e as diversidades de opiniões devem ser aproveitadas para incentivar debates, reflexões e/ou críticas. O professor deverá ter um levantamento da realidade de tal localidade, para que após o debate sobre as questões, se apresente possibilidades para as respostas.

Nessa sequência didática, propõe-se que o professor aborde alguns conceitos de cultura, principalmente os de cultura erudita, popular e de massa. Para finalizar este princípio de oficina, os alunos deverão escolher uma linguagem artística, que deve ser apresentada pelo professor, para ilustrar quais as manifestações estão presentes nas suas proximidades, como por exemplo, desenhar ou fotografar algum centro cultural e identificar em qual cultura e linguagem está inserida. Para avaliar a atividade, propõe-se uma roda de conversa pela qual os estudantes podem expor quais as práticas e estudos propostos o auxiliaram em sua compreensão sobre o ambiente artístico-cultural no qual está imerso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo mostrar como o termo periferia sofreu modificações durante os anos, saindo do campo geográfico, passado pelos antropólogos e ressaltado nesta pesquisa através das manifestações artísticas como potencializadora para a diminuição de sensações de pobreza e violência, partindo para o campo cultural. Este campo cultural foi definido através de dois ambientes: o do centro, Plano Piloto de Brasília e a periferia, a Cidade Satélite do Gama.

O reconhecimento de cultura local tem poder transformador tanto social como para o conhecimento a respeito da própria comunidade. O indivíduo da periferia pode, pelas manifestações artístico-culturais, ser instigado a transformar-se sujeito periférico, que age politicamente dentro e fora do seu meio, fazendo-se protagonista de sua realidade. Para entender a condição de ser periférico foram abordadas algumas produções da periferia do Gama, presentes dentro da minha realidade como moradora da cidade, as quais fizeram parte do meu processo identitário.

As distâncias geográficas entre o centro e periferia e a influência da mídia ressaltando a violência acaba por isolar a arte do Gama e até mesmo dos moradores, que justificam a falta de segurança para empreender na televisão uma formadora de plateia, que, porém, reforça estereótipos de estéticas artísticas por não contemplar a realidade desses moradores, influenciando-os na construção de identidades desestruturadas, ou colocando-os em crise de pertencimento à periferia.

Sobre a relevância da educação em artes visuais, foi ressaltado um subtópico especial pelo qual evidenciei o poder de agir de forma transformadora dessa educação, que pode contribuir para o autoconhecimento. Esse é um aspecto importante para ser tratado nas salas de aula do Distrito Federal porque muitas vezes se camufla o termo de periferia na geografia elaborada para a capital do país.

Estar em contato novamente com os coletivos artísticos do Gama me trouxe boas recordações. Além de observar que existem artistas com posições políticas engajadas dentro da minha periferia, contribuindo para uma sociedade mais crítica e atuante, passo a ter orgulho de conhecer e fazer parte desse grupo que luta por sua comunidade. A atenção ressaltada durante toda esta pesquisa é para que o sujeito que mora na periferia consiga atingir seus ideais sem ser a porcentagem que consegue se sobressair dentro de sua condição marginal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato. Cultura de Periferia na Periferia. In: revista Le Monde Diplomatique Brasil. 2011. Newsletter. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/cultura-de-periferia-na-periferia/>>. Acesso em: 14/04/2018.

BARBOSA, Ana Mae T. Educação e Desenvolvimento Cultural e Artístico. Educação e Realidade. V20. N2. In: revista Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 1995.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte. Brasília. 1997

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. 2013. 309 f. Tese de doutorado em Sociologia. Departamento de Sociologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

DIAS, Karina. (A)notações urbanas. In: revista Polêmica. Brasil. 2015 (Biblioteca ANPAP). Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/15997/12026>> Acesso em: 14/04/2018.

DIAS, Karina. A prática do banal, uma aspiração paisagística. Minas Gerais. 2011. UEMG. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/karina_dias.pdf> Acesso em: 14/04/2018.

DURHAM, Eunice. A sociedade vista da periferia. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_01/rbcs01_07.htm>. Acesso em: 14/04/2018.

FERRETTI, Sergio. Dimensões da cultura. São Luís: UFMA. 2017. p. 1. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/bitstream/1/177/1/Dimensoes%20da%20Cultura.pdf>>. Acesso em: 15/04/2018.

HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. 2014. 12ª edição. DP&A editora; páginas 7 a 97. Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/hall-stuart-a-identidade-cultural-na-pos-modernidade.pdf>>. Acesso em: 14/04/2018.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: Um conceito antropológico. 14ª edição. Zahar Editora. Rio de Janeiro. 2001.

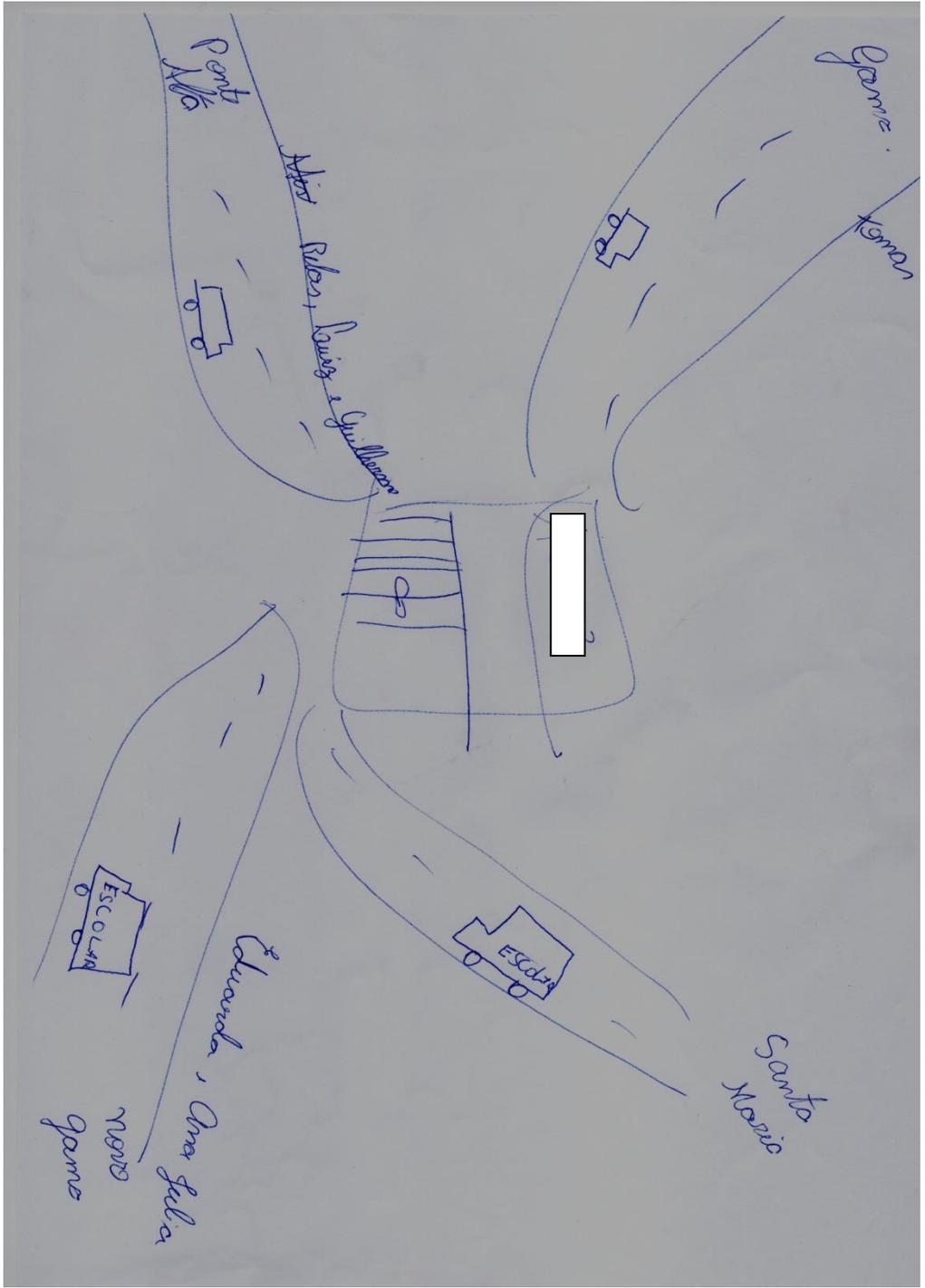
LEAL, Ubiratan. Porque Brasília é muito mais que o Plano Piloto. 2016. Uol. Disponível em: <<http://outracidade.uol.com.br/newsletter-porque-brasilia-e-muito-mais-que-o-plano-piloto/>>. Acesso em 13/06/2018.

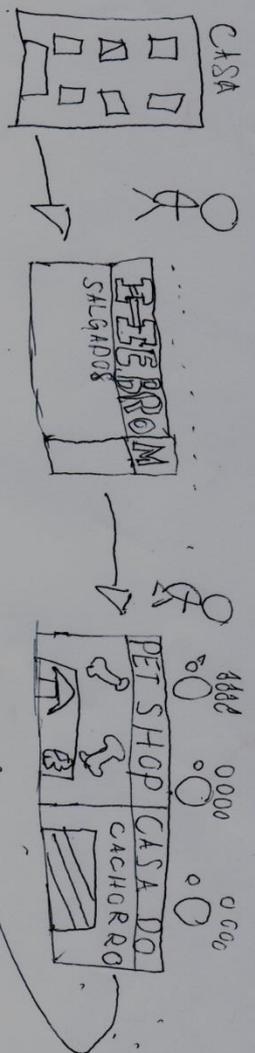
LIBÂNEO, José Carlos, OLIVEIRA, João Ferreira de TOSHI, Mirza Seabra. INTODUÇÃO LIBÂNEO, José Carlos, OLIVEIRA, João Ferreira de, TOSHI, Mirza Seabra. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo. Cortez. 10. ed. rev. e ampliada. P. 39-55.

MASSENA, Carolina; RODRIGUES, Lucas; NAVARRO, Lucia. A escola e a produção de subjetividade. UFRGS. 2015?. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/aprendizagem_escola/escola-texto.html> Acesso em: 14/04/2018.

TAVARES, Alessandra. Ações culturais nas periferias de São Paulo: identidades e territórios em questão. 2012. Trabalho de conclusão da pós-graduação em gestão de projetos culturais e organização de eventos. São Paulo. USP. Disponível em: <<http://paineira.usp.br/celacc/?q=pt-br/celacc-tcc/440/detalhe>> Acesso em: 13/05/2018

VERONESE, Marília; LACERDA, Luiz. O sujeito e o indivíduo na perspectiva de Alain Touraine. 2011. soc. e cult, Goiânia. Páginas: 419-426.





Caminho até a escola...

